

# Cultivo de orquídeas em pedra britada

**Francisco Luiz Maraschin\***

Na condição de oficial do Exército Brasileiro, sempre convivemos, eu e minha família, com problemas relacionados às freqüentes mudanças de endereço. Na vida profissional isso foi muito bom, pois adquirimos grande vivência nacional, já que residimos em várias regiões deste nosso Brasil: Rio de Janeiro, RJ, Brasília, DF, Rio de Janeiro, RJ, Barreiras, BA, Juiz de Fora, MG, Porto Velho, RO, Fortaleza, CE e finalmente Resende, RJ, nesta ordem.

Os problemas a que me referi começaram em 1977, quando iniciei

minhas atividades na orquidofilia. Com exceção de Resende, onde estamos residindo desde 1993, nos outros endereços nós nunca emplacamos o terceiro ano de moradia. A família teve algumas dificuldades de adaptação. A cada mudança de ares, uma nova morada, um novo colégio para as crianças, novos amigos, novos colegas de escola, novos costumes, novo clima, um novo orquidário e, quase que invariavelmente, uma nova crise conjugal. Não é tarefa das mais fáceis desenvasar 300 plantas, embalar, despachar toda uma mudança, alugar uma nova casa, envasar de novo, construir um novo ripado e dar todo o apoio necessário à montagem da nova morada em vinte e poucos dias. Como familiares de orquidófilos nem sempre entendem que as orquídeas suportam algum tempo fora dos vasos mas não indefinidamente, e que é mais urgente colocar as plantas de volta a seus vasos do que os quadros na parede, a cada mudança ... quase um desquite.

Vivendo essa realidade e buscando administrar o orquidário de forma um pouco mais simples, chegando a Porto Velho iniciei o plantio em casca de pinus autoclavada. Inicialmente, fiquei impressionado com o crescimento das plantas, já que o substrato mais poroso que o tradicional xaxim permite uma melhor ventilação das raízes, porém, com o passar do tempo, notei que várias plantas começaram a regredir. Isso deve ter ocorrido pelo fato de eu não estar





acostumado a adubar com muita frequência.

No meu quintal, em Resende, havia um pouco de brita que sobrou de uma reforma na garagem de casa. A granulometria era muito próxima à da casca de pinus, bastando dar uma peneirada para eliminar as partículas menores. Como a brita é inorgânica, resolvi colocar um pouco de adubo orgânico à base de esterco de galinha, farinha de osso e cinza. Utilizei vasos de plástico, que seguram mais umidade que os de argila. Experimentei em três plantas que estavam em fase terminal e fiquei surpreso ao constatar que em menos de duas semanas elas emitiram raízes novas e, pouco tempo depois, surgiram brotos que, ao término de seu desenvolvimento, tinham dobrado de tamanho. No ano seguinte, duas delas abriram duas frentes, vindo a florescer. E estavam quase mortas ...

A partir daí, fui aos poucos substituindo o substrato de todos os vasos, até que o meu monte de brita terminou. Passei então a peneirar um pouco de areião, também sobra da tal reforma, tentando chegar na mesma granulometria. Os resultados foram ainda melhores. A brita utilizada anteriormente era de granito acinzentado, bem mais escura que o seixo rolado resultante do areião peneirado, de coloração esbranquiçada. Acredito que o seixo mais

claro, por não absorver tanto calor, evitou que algumas raízes fossem "assadas" nos dias de verão.

Continuei por quase dois anos peneirando areião para obter meu novo substrato, até que, no final de 1999, quando iniciei a construção de minha casa, aqui em Resende, descobri que uma pedreira da região comercializa o seixo britado, com custo bem inferior ao da brita (R\$ 19,00/m<sup>3</sup>) e na mesma granulometria.

Desde então, tenho usado o seixo britado, que possui todas as vantagens do seixo rolado e mais: pelo fato de não possuir a forma arredondada do seixo, mantém a umidade no interior do vaso por mais tempo, em função da maior superfície específica dos grãos, ou seja, para um mesmo volume de grãos, a superfície que fica molhada depois das regas é maior na brita do que no seixo, daí a maior retenção de umidade.

Apesar de considerar o seixo britado uma excelente opção, temos que admitir que existem vantagens e desvantagens em seu emprego. Como vantagens, podemos citar:

- Por ser de origem inorgânica, a brita não se decompõe, como acontece com o xaxim, podendo ser totalmente reaproveitada.

- Como não há acúmulo excessivo de água, as raízes não apodrecem, os malditos caramujos não sobrevivem e, em consequência, não comem pontas de raízes.

- O replantio fica bem mais simples, bastando sacudir o vaso um pouco para soltar as raízes aderentes, colocar a planta em um vaso maior e preenchê-lo com o mesmo material.

- Como os vasos de plástico preto têm uma vida útil próxima dos oito anos, somente será necessário o replantio a

cada oito anos ou quando a planta sair do vaso. Desta forma, as plantas conseguem facilmente ficar entouceiradas, melhorando cada vez mais a qualidade da floração e reduzindo muito as tarefas de replantio.

- O custo fica menor. Um vaso de plástico é bem mais barato que uma caixeta, um vaso de xaxim ou mesmo um vaso de argila. Um metro cúbico de seixo britado custa menos que dois sacos grandes de xaxim desfibrado de boa qualidade e, com esse volume de brita, podem ser envasados mais de 1000 vasos tamanho 12.

- A maioria dos orquidófilos tem dificuldade no controle das regas, em especial os iniciantes. Normalmente pecam por excesso. No cultivo em brita não há o perigo da planta “morrer afogada”, já que não há acúmulo de água no vaso.

Como desvantagens, temos que:

- O transporte, principalmente no caso dos orquidários comerciais, fica dificultado pela sobrecarga devida ao maior peso dos vasos.

- Enquanto a planta não estiver bem enraizada, a brita pode espalhar se houver o tombamento do vaso.

- Para o cultivo com vasos suspensos, é conveniente verificar se a estrutura do orquidário suporta a sobrecarga.

Atualmente, em nosso orquidário temos quase mil vasos de *Cattleya* e afins pendurados em uma estrutura de madeira (massaranduba), tela sombrite de 70%, com as plantas cultivadas em vasos de plástico preto nos tamanhos 10, 12 e 14. Para as plantas que exigem vasos maiores, estamos testando, até agora com sucesso, vasos de argila com seixo britado. Um bom exemplo é uma *Cattleya velutina*, que em setembro de 1999 foi colocada em um vaso de argila com 20 cm de diâmetro



e em janeiro de 2000 nos brindou com dez flores em uma haste, tendo repetido a dose em janeiro de 2001.

Atualmente, estamos experimentando o cultivo em brita com *Phalaenopsis*, *Dendrobium*, *Catasetum* e até seedlings de *Cattleya* recém-saídos de vasos coletivos. Os resultados parecem ser animadores.

Nesses vinte e poucos anos de sucessos e alguns fracassos no trato com as orquídeas, acho que encontrei uma boa forma de cultivo, que me permite ter uma maior quantidade de plantas e reduzidas as tarefas necessárias para bem administrá-las.

**fotos do autor**

**\* Francisco Luiz Maraschin**

Núcleo Orquidófilo Sul Fluminense.

email: [flmaraschin@bol.com.br](mailto:flmaraschin@bol.com.br)